

## NOTICIÁRIO

---

### **DEFESA DE TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELA LICENCIADA MAFALDA P. ZEMELLA**

No mês de março do ano passado, defendeu tese para obter o título de doutor em história a licenciada Mafalda P. Zemella, assistente da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo sido aprovada. A tese defendida consistiu de uma monografia sobre o **Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII**, de 308 páginas datilografadas e onde estão desenvolvidos os seguintes capítulos: A descoberta do ouro e do diamante na Capitania das Minas Gerais; O povoamento das Gerais; O problema do abastecimento das Gerais; Os mercados abastecedores das Gerais; Os transportes dos gêneros, utensílios e escravos; O comércio nas Gerais; O consumo das populações das Gerais; Crítica do abastecimento; Os núcleos de produção das minas; Conclusões.

Essa monografia foi examinada por uma banca composta dos professores Alfredo Ellis Jr. (presidente), E. Simões de Paula, catedráticos, respectivamente, de História da Civilização Brasileira e História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (U. S. P.), Inácio Benevides de Rezende, professor de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (U. S. P.), Thomás Oscar Marcondes de Sousa e José Pedro Leite Cordeiro, ambos do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Iniciou a arguição o prof. Inácio Benevides de Rezende que pretendeu examinar o referido trabalho sob dois aspectos: o da forma e o do conteúdo. Carecendo, todavia, de tempo para tratar do segundo aspecto da sua crítica, sua arguição restringiu-se apenas à correção de formas lingüísticas, como deslises gramaticais, excesso de liberdade de linguagem, etc.

A candidata concordou com quase tôdas as observações citadas, justificando-as com o fato de não ser especialista em questões de gramática portuguesa e se ter preocupado somente com o conteúdo histórico da sua tese, bem mais importante e digno de atenção segundo seu modo de pensar.

Seguiu-se na arguição o Sr. Thomas Oscar Marcondes de Sousa. Começou por dizer que o trabalho apresentado pela candidata não era original e nem o nome de tese devia merecer porque nele não havia definição de uma proposição. E, continuando, fez uma série de observações das quais as principais foram as seguintes: não viu na tese a necessária base geográfica afim de que melhor seja explicado o bandeirismo; as rotas de navegação atlântico-européias não tinham como pontos de escala as ilhas da Madeira e Açores, mas sim a ilha de Santiago, situada a oeste de Cabo Verde; exagerou e muito a candidata quando, apoiada em Alfredo Ellis Jr., afirmou que o ouro

brasileiro levado para a Europa não somente deu origem à Revolução Industrial como à própria Revolução Francesa (a indústria inglesa que se originou do ouro brasileiro teria empobrecido de tal maneira a França, consequência de tratados comerciais infelizes que esta assinou com a Inglaterra, e preparado assim o ambiente para a Grande Revolução); cometeu grave senão, abusando no seu trabalho de idéias já defendidas por Alfredo Ellis Jr., sem ao menos citar o seu patrono; e, finalmente, fez a candidata importantíssimas afirmações que careciam, no entanto, da necessária comprovação documental.

Com a palavra, a candidata defendeu a originalidade do seu trabalho e sustentou que o mesmo é também uma tese, pois nele há uma série de problemas propostos que sempre procurou provar. Respondendo às observações do seu arguidor, prestou os seguintes esclarecimentos: não interessava o bandeirismo ao seu trabalho, não se preocupando assim com as suas bases geográficas; carta régia que tivera oportunidade de ler falava nas ilhas da Madeira e Açores como rotas de navios; acreditava, conforme é pensamento do prof. Ellis Jr., titular da cadeira de que ela é assistente, no decisivo papel representado pelo ouro brasileiro na Revolução Francesa; e, concluindo, nunca poderia citar Alfredo Ellis Jr. nos casos levantados pelo seu examinador: eles não se referem a idéias mas sim apenas a fatos históricos, que assim, não são da propriedade particular de ninguém.

O terceiro examinador, dr. Leite Cordeiro, fez dois tipos de crítica: geral e específica. Quanto ao aspecto geral não concordou com a bibliografia utilizada que, embora extensa, carecia de certos livros e documentos fundamentais. E a tese deveria estar metodologicamente melhor apresentada. Especificamente foram estas as suas principais observações: deveria a candidata se aproveitar mais dos documentos de Felix Pacheco afim de melhor explicar a descoberta do ouro; não foram muito bem historiadas as circunstâncias que levaram os bandeirantes à descoberta do ouro: por que se esqueceu da importância dos fatores geográficos?; a candidata dava a impressão de que somente depois da decadência do açúcar nordestino é que se pensou no descobrimento do ouro: mas como se explicam as inúmeras pesquisas auríferas dos séculos XVI e XVII, anteriores, portanto, àquêle acontecimento? Exagerou a importância das consequências que o ouro das Gerais teria projetado na região do Prata e, além disso, não citou nenhuma documentação que as comprovasse; por fim, contrariamente ao afirmado, São Paulo nunca deveria ter sido grande fornecedor das Minas Gerais devido ao êxodo da totalidade da sua população para àquelas regiões auríferas.

Respondendo, a candidata concordou com a crítica geral feita pelo seu examinador. Justificou, porém, algumas das críticas específicas: quanto aos documentos de Felix Pacheco e às circunstâncias que levaram os bandeirantes à descoberta do ouro não julgou necessário se alongar muito, pois eles não se referiam diretamente ao assunto da sua tese que é apenas sobre o abastecimento das Gerais; e, no seu modo de entender foi a decadência do açúcar nordestino, ocasionando a queda do bandeirismo de apresamento, que levou tanto planaltinos como portugueses e nordestinos à procura do ouro.

Com a palavra o quarto examinador, prof. E. Simões de Paula. Após dizer que a tese apresentada não é trabalho inteiramente original — coisa inapplicável em se tratando de assunto de história do Brasil — assinalou o prof. Simões de Paula alguns enganos cometidos pela candidata. Foram os seguintes: 1) A candidata afirmou que a "descoberta do ouro, se nos menores detalhes, foi obra do acaso, na sua concretização foi, acima de tudo, obra da fatalidade histórica." (p. 6). Mas, na p. 5 já havia escrito: "Essa descoberta foi o resultado do esforço continuado de gerações que se sucederam." 2) Referindo-se ao bandeirismo de apresamento e sua importância disse: "Sem esse duro trabalho de desbravamento do "hinterland" brasileiro, não seria possível abrir-se a era dourada da mineração." Engano pois que o bandeirismo de apresamento se dirigiu para o sul enquanto que o bandeirismo de mineração se dirigiu para o norte, onde não houve, portanto, nenhum trabalho de des-

bravamento por parte do primeiro. E como se explica a mineração em outras regiões do Brasil onde não houve apresamento? 3) Novo engano às ps. 17/18: "Pelo bando de 5 de agosto de 1734, todos os antigos moradores que mineravam na região, tiveram que abandonar suas lavras; os diamantes passaram a ser explorados pela Metrópole, diretamente ou através de um contratador." A candidata não explicou porque e, além disso, não foi pelo bando de 1734 mas sim pela carta régia de 16 de março de 1731 (Simonsen, *História Econômica do Brasil*, tomo II, p. 77), que os trabalhadores foram expulsos das lavras; e mais, somente em 1771 é que a Metrópole passou a explorar diretamente as minas diamantíferas. 4) Graças ao abastecimento das Gerais a "economia se transfigurou pelo aparecimento do comércio interno que até então não existira no Brasil e abriram-se novas perspectivas para a produção de artigos de subsistência." (p. 34). Nunca existiu comércio interno no Brasil antes do ouro? E a venda do índio apresado ao Nordeste açucareiro, conforme a tese tão do gosto do prof. Ellis Jr. do qual, aliás, a candidata é assistente? A seguir, fez o prof. Simões de Paula uma série de outras observações: 1) A p. 15 a candidata falou dos aspectos geológicos das minas e do ouro. Por que não citou a obra em que se apoiou? Não seria a *História Econômica do Brasil* de Simonsen? 2) Sobre a política metropolitana com relação às minas: "Dificultou-se de toda forma a vinda de portugueses e, aqui nas cidades do litoral, procurava-se impedir a passagem para as minas, exigindo-se passaportes, licenças e ordens especiais para os que quisessem fazê-lo" (pp. 24/25). Quais os requisitos que o indivíduo deveria possuir para conseguir passaporte afim de ter acesso às minas? 3) Não soube interpretar claramente o pensamento de Simonsen, quando afirmou: "Descobriam-se nas Gerais a maior massa aurífera já revelada ao homem desde a queda de Roma." (p. 28). E o ouro californiano e africano? Deveria dizer até então, ou até aquele tempo (séc. XVIII) revelada ao homem desde a queda de Roma. 4) Grandes lacunas no capítulo "O povoamento das Gerais": nenhum dado ou cálculo estatístico da população das Gerais antes do descobrimento do ouro, nada sobre a população relativa, nada também quanto ao elemento humano: qual o que predominava?, não fez uma distribuição geográfica com relação a maior ou menor produção das áreas de extração, etc. 5) Quando estudou o ciclo do muar (pp. 43-46) não citou ao menos o número de cabeças de gado que anualmente vinham das regiões sulinas. Por que não se aproveitou do resumo estatístico apresentado por Ellis Júnior (apud Aluisio de Almeida) no seu artigo "O Ciclo do Muar" e publicado na *Revista de História*, n.º 1, v. I, 1950, p. 73? 6) A candidata cometeu o grave deslize, em se tratando de uma tese, de não citar nenhum documento comprovante de importantíssimas afirmações que fez em todo o decorrer do seu trabalho (pp. 96, 133, 148, 160, 181, 216 etc.). Para finalizar, deu o prof. Simões de Paula algumas sugestões: 1) O português que cruzou com o indígena no Planalto paulista não seria em grande parte judeu? 2) O apogeu do contrabando no Brasil não teria sido também uma consequência do abastecimento das Gerais? 3) O abastecimento das Gerais, seguindo a tese da própria candidata, não trouxe também consequências para as nossas lutas de caráter nativista? Estas duas últimas sugestões não deveriam figurar no rol das conclusões citadas na tese?

A candidata agradeceu as questões levantadas pelo seu examinador, concordando com a maioria delas. Justificou, no entanto, algumas das lacunas e imprecisões do seu trabalho: nem sempre lhe fôra dado contar com apreciável documentação que, às vezes mesmo, carecia por completo.

O último examinador foi o prof. Alfredo Ellis Jr., patrono da tese. Não aceitou as restrições feitas pelo prof. Marcondes de Sousa quanto à importância que o ouro brasileiro teve tanto na Revolução Industrial como na própria Revolução Francesa. Criticou a candidata pelo fato de ter feito afirmações categóricas demais, quando na realidade deveria proceder com prudência e cautela, já que as mesmas não estavam apoiadas em base documental. Con-

cluindo, observou que a candidata freqüentemente se aproveitou de idéias que lhe não eram próprias, sem ao menos citar os seus autores.

ALDO JANOTTI.

---

**DEFESA DE TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE ECONOMIA POLÍTICA E HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÓMICAS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELO LICENCIADO HÉLIO SCHLITTLER SILVA.**

O Licenciado Hélio Schlittler Silva, 1.º assistente da Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Económicas, defendeu no dia 22 de junho de 1951 a dissertação com que se apresentou ao Doutorado, intitulada **O Comércio Exterior do Brasil (1822-1918)**. Transcrevem-se a seguir o sumário e as conclusões desse trabalho.

**I N D I C E**

**INTRODUÇÃO**

Apresentação do assunto  
Limitação do assunto  
Plano de trabalho

**CAPÍTULO I — O COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL  
NO SÉCULO XIX**

Secção I — A política comercial brasileira

A — A fase liberal (1822-1844)

B — As tentativas protecionistas (1844-99)

Secção II — O comércio exterior do Brasil

§ 1.º — A composição da exportação e da importação.

§ 2.º — A distribuição da exportação e da importação.

§ 3.º — O balanço de pagamentos e o câmbio.

Resumo.

**CAPÍTULO II — O COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL  
NO PERÍODO DE 1900-1914**

Secção I — A política comercial brasileira

§ 1.º — A tarifa aduaneira

§ 2.º — A política cafeeira

Secção II — O comércio exterior do Brasil

§ 1.º — O movimento da exportação e da importação. O balanço de pagamentos e o câmbio.

§ 2.º — A composição da exportação e da importação.

§ 3.º — A distribuição da exportação e da importação.

Resumo.

### CAPÍTULO III — O COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL NO PERÍODO DA 1.ª GUERRA MUNDIAL

Secção I — A política comercial brasileira

§ 1.º — A tarifa aduaneira

§ 2.º — A política cafeeira

§ 3.º — A intervenção direta do Estado no comércio internacional.

Secção II — O comércio exterior do Brasil

§ 1.º — O movimento da exportação e da importação. O balanço dos pagamentos e o câmbio.

§ 2.º — A composição da exportação e da importação

§ 3.º — A distribuição da exportação e da importação.

Resumo.

CONCLUSÕES GERAIS

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS.

## CONCLUSÕES

As conclusões gerais a que nos conduziu o presente estudo da evolução do Comércio Exterior do Brasil até o fim da 1.ª Guerra Mundial, assim se resumem:

1 — **Política Aduaneira:** — A política aduaneira no Brasil, caracterizou-se pelo seu objetivo predominantemente fiscal, uma vez que a arrecadação alfandegária constituía a principal fonte da receita pública. A preocupação protecionista, embora crescente principalmente a partir da proclamação da República, sempre ocupou um lugar secundário na elaboração da pauta aduaneira. Não se pode afirmar, porém, que a política aduaneira em nosso país, tenha sido sempre um fator negativo na evolução da Economia Nacional, pois, a tarifa Murtinho (1900), não obstante sua finalidade fiscal, constituindo-se de direitos elevadíssimos, atenuou a concorrência estrangeira em vários setores de atividades, sobretudo no campo industrial, contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento.

2 — **Composição da exportação e da importação:** — A exportação brasileira constituiu-se sempre de generos alimentícios e matérias primas, em sua maior parte de origem agrícola, enviados para o exterior em estado bruto ou tendo sofrido um processo muito elementar de transformação. Além disso, esteve até 1914 altamente concentrada nos oito produtos principais, que representavam cerca de 95% do valor total da exportação, e principalmente no café, responsável por mais da metade daquele valor. A guerra de 1914-18, entretanto, ocasionando grandes variações na procura mundial, favoreceu a diversificação da exportação, na qual passou a participar com proporções apre-

ciáveis uma série variada de mercadorias, algumas de reduzida expressão comercial até as vésperas do conflito, outras inteiramente novas, entre elas várias importadas pelo Brasil até 1914.

A importação, constituída em sua maior parte de manufaturas, forneceu ao Brasil até fins do século passado, quase todos os artigos necessários ao consumo, inclusive gêneros alimentícios que se podia produzir no país, pois achando-se a economia nacional altamente orientada para a produção de bens exportáveis, era reduzidíssima a produção de artigos destinados ao mercado interno. Vários fatores contribuíram para essa situação, podendo-se destacar entre eles a falta de uma proteção aduaneira adequada, a precariedade dos transportes internos e a escassez de capitais e de mão-de-obra, que colocavam os produtos nacionais em situação bastante desfavorável na luta contra a concorrência estrangeira, dentro do próprio mercado interno. Todavia, nas duas primeiras décadas do século XX, a tarifa alfandegária de 1900 e as dificuldades criadas à importação pela 1.ª Guerra Mundial, modificaram aquela situação, enquanto os consideráveis investimentos de capitais estrangeiros no país, entre 1905 e 1913, forneceram os recursos necessários ao equipamento da produção e dos transportes nacionais. Em consequência, desenvolveu-se e diversificou-se a produção agrícola e industrial, principalmente durante a guerra, que passou a atender em escala crescente as necessidades internas de bens de consumo. A composição da importação sofreu então grandes transformações, declinando a importância dos artigos de consumo, enquanto aumentou a dos equipamentos e matérias primas destinados a fabricar aqueles artigos dentro das fronteiras nacionais.

Entre 1900 a 1918 operaram-se, portanto, grandes transformações na composição do comércio exterior do Brasil, que indicam o início da passagem de uma economia puramente agrícola e quase-monocultora, altamente dependente do comércio internacional, para uma economia industrial e policultora, tendo em vista também o mercado interno; que indicam, por conseguinte, o início do abandono progressivo do "papel colonial" da Economia Brasileira, que se intensificaria mais tarde como resultado da depressão econômica mundial de 1929-33 e da 2.ª Guerra Mundial.

3 — **Distribuição da exportação e da importação:** — Especializando-se o Brasil na exportação de artigos primários e destinados, em sua maior parte, ao consumo ou a transformação nos grandes países industriais, onde obtinha em troca o grosso de sua importação, o seu comércio internacional tornou-se fortemente concentrado em um número pequeno de países, notadamente no setor da exportação. Essa situação atenuou-se sensivelmente, porém, entre o primeiro quartel do século XIX e o início da 1.ª Guerra Mundial, à medida que a industrialização da América do Norte e dos países europeus, abriu novos mercados e fontes de abastecimentos para o Brasil. O fato mais significativo dessa evolução foi o enfraquecimento progressivo da posição da Grã Bretanha em nosso intercâmbio comercial externo, em proveito principalmente dos Estados Unidos, que durante a guerra de 1914-18 transformaram-se na primeira nação daquele intercâmbio, quer como mercado para os produtos de exportação, quer como fonte de abastecimentos de artigos manufaturados, posição que manteria e consolidaria no após guerra, como veremos na segunda parte deste estudo. A 1.ª Guerra Mundial constituiu, desse modo, um fator de grande importância para a aproximação das duas maiores nações americanas, muito contribuindo para acelerar o desenvolvimento do pan-americanismo econômico.

4 — **O balanço de pagamentos:** — O balanço de pagamentos internacionais do Brasil, apresentou uma tendência persistente para o desequilíbrio. Até 1861, todos os elementos do balanço de rendimentos foram deficitários, e o equilíbrio de nossas contas internacionais esteve na dependência da entrada regular de vultosos capitais estrangeiros. Sempre que esta se paralizava ou di-

minuía o seu ritmo, o que geralmente acontecia em épocas de crises econômicas, de anormalidade política ou de inflação, aquêlê equilibrio ficava sêriamente comprometido, obrigando o govêrno brasileiro a recorrer freqüentemente aos empréstimos externos afim de liquidar os compromissos internacionais do país. A partir de 1862, passamos a contar com saldos elevados no balanço comercial. Estes saldos foram, porém, geralmente insuficientes para cobrir as despesas crescentes com o serviço da dívida externa, os rendimentos de capitais estrangeiros aqui investidos, a remessa de imigrantes, e outros itens do balanço de rendimentos, de modo que êste balanço se manteve deficitário. Além disso, os saldos do balanço comercial reduziam-se acentuadamente durante as crises econômicas, quando a exportação — baseada em artigos primários, que estão sujeitos a violentas flutuações de preços, como resultado da inelasticidade de sua oferta e procura — contraia-se intensamente, em consequência da queda da procura estrangeira e da baixa de preços. Retraindo-se, na mesma conjuntura, os investimentos de capitais estrangeiros no país, continuaram a manifestar-se ciclicamente os desequilibrios do balanço de pagamentos; e, como resultado, o govêrno brasileiro continuou recorrendo ao empréstimo externo, e, na falta dêste, à suspensão do serviço da dívida externa (1898 e 1914), como meio de regularizar as contas internacionais do país e aliviar a pressão no mercado cambial.

5 — **A taxa do câmbio:** — Os freqüentes desequilibrios do nosso balanço de pagamentos internacionais, tiveram repercussões desastrosas sôbre o valor da moeda brasileira, impedindo-a de manter-se em regime de padrão-ouro, e impondo-lhe uma tendência persistente para a desvalorização; a taxa do câmbio, com exceção de alguns periodos de recuperação parcial, entre os quais o mais significativo foi o de 1898-1912, elevou-se sempre, através de amplas flutuações, apresentando no quinquênio de 1915-19, um aumento de 200% sôbre a média do decênio de 1821-30.

6 — **A aplicação da teoria clássica do comércio internacional ao caso brasileiro:** — A teoria clássica do comércio internacional, baseada no "equilibrio automático do balanço de pagamentos", elaborada conforme a experiência dos grandes países industriais, sobretudo a da Inglaterra, e que teve grande aceitação até 1914, mostrou-se insuficiente para explicar os fenômenos do comércio exterior do Brasil até a 1.ª Guerra Mundial. Isso porque, a Economia Brasileira apresentava condições estruturais especiais, que condicionavam características da procura e da oferta de seus produtos no mercado mundial, bem como dos demais elementos de seu balanço de pagamentos, incompatíveis com a existência do padrão-ouro e as condições de equilibrio em que se alicerçava a teoria.

\*  
\*  
\*

A dissertação foi discutida por banca examinadora composta dos professores Paul Hugon (presidente), Alfredo Ellis Júnior, Roger Bastide, Eduardo Alcântara de Oliveira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e do dr. Rômulo de Almeida, assessor-técnico da Presidência da República. A seguir indicam-se, muito resumidamente, os principais pontos discutidos.

**Prof. Alfredo Ellis Jr.** — Afirma não se tratar de tese, mas sim de monografia, de caráter descritivo, na qual não se dá a importância que era de se esperar ao aspecto explicativo dos fenômenos estudados, sendo não obstante trabalho de alto mérito, revelando grande esforço de coletânea e uma paciência de Job. Lamenta não encontrar referências ao trabalho em quinze volumes de Taunay sôbre a História do Café, em cujo vol. III se encontram abordados assuntos também presentes na dissertação. Referindo-se à idéia do prof. Gudin sôbre as "economias reflexas", declara extranhar que o candidato não tenha explorado mais longamente êsse aspecto do problema, tratando tam-

bém da influência inversa daquela a que se limita a noção do prof. Gudin, isto é, da influência das "economias reflexas" sobre as "economias leader"; E como exemplo de semelhante influência, inversa da que é geralmente considerada na teoria econômica, cita o papel desempenhado pelo ouro do Brasil no surto algodoeiro dos Estados Unidos, o que foi resultado da incorporação desse ouro na economia da Grã-Bretanha. Em seguida faz várias considerações acerca da influência do comércio internacional sobre a vida política, exemplificando com episódios da história do Brasil ("a guerra do Paraguai foi ganha pelo café do vale do Paraíba", etc.). Lamenta encontrarem-se ausentes do trabalho do candidato referências a influências exercidas pelo comércio exterior do café sobre a política do Brasil. Por outro lado, também deviam ter sido tomados em consideração certos desenvolvimentos de ordem técnica e econômica, no interior do país e também no exterior, os quais poderiam explicar em grande parte certas fases da evolução do comércio exterior do Brasil no século XIX, como por exemplo o custo dos transportes, etc., e ainda o abastecimento do custo dos fretes marítimos, em resultado da navegação a vapor, a abertura do Canal de Suez, etc.

**Candidato.** — Responde afirmando que, como era do conhecimento do examinador, em consequência do prazo fixado pelo Conselho Técnico da Faculdade, não pode apresentar todo o trabalho que tinha em preparação. A dissertação apresentada é apenas parte daquele trabalho, exatamente a parte descritiva, em que, como afirmava na introdução, pretende apontar as características e tendências fundamentais do comércio exterior do Brasil desde o fim do primeiro quartel do século XIX. O trabalho de interpretação das causas e consequências dessa evolução, feita à luz da teoria do comércio internacional seria objeto do último capítulo da segunda parte do seu trabalho, a ser apresentado oportunamente. Mas já nesta dissertação, no seu primeiro capítulo, se encontra algo de interpretativo. Assim, procurou nesse capítulo explicar a razão de ser da orientação livre-cambista no século XIX (receita pública alimentada pelos direitos alfandegários) e as causas do persistente deficit do valor comercial do Brasil até 1860. Procurou, ainda, explicar as flutuações do balanço de pagamentos e da taxa cambial em função das características apontadas anteriormente. E aponta também a incapacidade da teoria clássica do comércio internacional para explicar a tendência do comércio exterior do Brasil no século XIX. Dêse modo a dissertação apresentada não era apenas descritiva. Referindo-se à idéia do prof. Gudin, relativa às "economias reflexas", a que se referia em seu trabalho, esclareceu que ela tinha um sentido diverso daquele considerado pelo examinador, pois applicava-se apenas às flutuações econômicas sofridas pela economia brasileira durante as fases do ciclo econômico. Com referência ao século XIX teve que se limitar a mostrar apenas as tendências e as características fundamentais do comércio exterior do Brasil, por falta de muitos dados básicos, como os relativos aos preços de exportação e importação que lhe permitiriam determinar os "terms of trade", etc. Finalmente, afirma que na revisão do seu trabalho procuraria considerar a influência dos desenvolvimentos políticos e econômicos sobre o comércio exterior do Brasil indicados pelo prof. Ellis, não obstante o caráter histórico desse trabalho.

**Dr. Rômulo de Almeida.** — Depois de afirmar que o trabalho que tem em mãos constitui um índice da maturidade científica da Universidade de São Paulo, faz as seguintes observações: 1) A dissertação apresenta-se com um propósito muito ambicioso que talvez não seja atingido desde já, mas de qualquer modo constitui um trabalho definitivo para a história econômica do Brasil. 2) A técnica usada no tratamento dos dados numéricos aproxima-se da modelar, usando de maneira inteiramente correta os "terms of trade" e não confundindo índices de preços de importação com preço de tonelada média, e o "quantum" com a tonelagem exportada e importada. O trabalho constitui



um reconhecimento preliminar do comércio exterior do Brasil, importante para levantar o véu de nebulosidade que cobre a história econômica deste país; dirigindo-se ao candidato e ao prof. Hugon (sob cuja orientação a dissertação foi preparada), salienta a necessidade de ser ultimada a segunda parte do trabalho apresentado que viria esclarecer uma série de pontos obscuros de nossas relações econômicas internacionais. 3) Adverte, no entanto, não haver a dissertação atingido plenamente o seu propósito, o que em grande parte resulta inevitavelmente da escassez de dados disponíveis. 4) Lamenta não haver sido dado o relevo devido às repercussões desfavoráveis do fenômeno Independência no desenvolvimento do comércio exterior do Brasil, resultantes de constituir então Portugal um entreposto para a distribuição de produtos do Brasil na Europa e, em especial, na Espanha. Outras influências negligenciadas são as da campanha contra a escravatura e o término desta e da importância do tráfico de escravos como importação que deveria ter contrapartida em exportações de mercadorias. 5) Diz discordar da interpretação dada à Pauta Alves Branco (1844). Considera-a como um ato de rebeldia mental contra a orientação livre-cambista vinda de fora, não obstante ter essa pauta alguma intenção protecionista; e também como possuindo um objetivo de represália, pois a Inglaterra, efetivamente, só depois de 1862 adotou de fato uma orientação livre-cambista, embora desde muito antes a recomendasse para uso dos outros. É mesmo depois de 1862, a Inglaterra tributava interiormente de maneira muito pesada os produtos coloniais. 6) Com referência à Tarifa Murinho, afirma haver na política financeira de Campos Sales uma equívoca e uma coincidência. Um equívoco porque desestimulando a tarifa a expansão dos cafezais e outras culturas de exportação, daí resultou um impulso no surto de desenvolvimento interno, pela diminuição da margem, em resultado daquela tarifa, entre custo e preço de venda, em cruzeiros. Uma coincidência porque com o surto da borracha e do cacau que então atingiam preços elevadíssimos graças à industrialização da Europa.

**Candidato.** — Afirma não desconhecer a importância das repercussões da Independência, da campanha contra a escravatura e do tráfico africano sobre o comércio exterior do Brasil, no século XIX. Como já tinha, porém, assinado ao prof. Ellis, no capítulo em que estudou o comércio exterior do Brasil no século XIX, não se preocupou com pormenores mas apenas procurou indicar as linhas gerais do seu desenvolvimento naquele século, afim de facilitar a compreensão do mesmo fenômeno no século XX. Com relação ao apelo feito no sentido de ser ultimada a segunda parte da dissertação apresentada, disse que tinha o prazer de comunicar que a mesma já ia bastante adiantada e estaria concluída dentro de poucos meses. No caso da Tarifa Murinho (recorda ter acentuado não haver sido a Tarifa Murinho uma tarifa protecionista), reafirma ter sido ela, em virtude dos direitos elevados, um fator importante no desenvolvimento da indústria no Brasil, no século XIX, pois os bens de produção foram menos atingidos (10 a 20%) do que os bens de consumo (50 a 80%) na pauta de importação. Na época houve grande elevação do custo da vida, em consequência da elevação dos custos de importação, o que se pode tomar como confirmação da influência da Tarifa Murinho no sentido de atenuar a concorrência estrangeira. Quanto ao desestímulo das exportações de café afirma que não se verificou tal consequência. Ao contrário, a exportação de café aumentou consideravelmente em volume, como consequência da queda de preços causada pela super-produção do produto, e que não fôra compensada pela revalorização cambial. Sem dúvida, o surto da borracha e do cacau muito favoreceram o desenvolvimento da economia do país; o fator mais importante foi, porém, a grande entrada de capitais estrangeiros, propiciada pelo saneamento financeiro e monetário realizado por Campos Sales.

**Prof. Roger Bastide.** 1) Indica a conveniência de um pequeno capítulo em que se ressaltasse a oposição entre o comércio do Brasil independente e do

Brasil colonial. 2) Lamenta a falta de dados que mostrem a influência da Tarifa Murtinho no desenvolvimento da agricultura do Brasil. 3) Refere a pequena discriminação no balanço de serviços, não apresentando estatísticas relativas aos diversos itens desse balanço. 4) Não foi tomada em conta a influência da diversidade geográfica e dos núcleos de emigração no desenvolvimento do comércio internacional. 5) Seria de grande importância que fôsse estudada também a distribuição do comércio por estados ou regiões do país. Insiste na falsidade dos dados numéricos, quando tomados só por si. Assim, atrás dos números que revelam o progresso da exportação muitas vezes encontra-se a miséria e o baixo padrão de vida das populações, que por um lado permite essas exportações, mas por outro impede o desenvolvimento de um mercado interno. No caso presente, não tem a exportação carreado para o estrangeiro, juntamente com os produtos, a fertilidade das terras brasileiras, causando sérios prejuízos à economia do país?

**Candidato.** — 1) Não realizou estudo comparativo entre o comércio do Brasil independente e o Brasil colonial, uma vez que, como indica na introdução, o capítulo em que estuda o comércio exterior do Brasil no século XIX tinha por objetivo apenas indicar as tendências gerais daquele comércio. 2) Afirma que não apresentou dados estatísticos relativos à produção agrícola, indicativos da influência da tarifa Murtinho sobre a agricultura brasileira, porque esses dados não existem para o comércio desse século. Assinala entretanto que, como indicava em seu trabalho, após a adoção dessa tarifa caiu a importância relativa e o volume de uma série de mercadorias que eram importadas, o que, indiretamente, mostra a influência exercida sobre o desenvolvimento da agricultura. 3) Há uma falta completa de dados sobre o balanço de pagamentos no século XIX. 4) Reconhece a importância da distribuição do comércio pelas várias regiões do país. Não inclui, porém, o seu estudo no presente trabalho porque achou necessário fazer uma limitação no assunto estudado. Já havia porém colhido dados para a realização daquele estudo, em separado. 5) Refere-se à dificuldade do tratamento numérico dessa questão e explica como os "terms of trade" permitem medir as "vantagens" (sob um certo ponto de vista) derivadas do comércio internacional por um certo país.

**Prof. Eduardo Alcântara de Oliveira.** — Critica em primeiro lugar a indevida limitação no tempo do trabalho (levando o candidato a extrapolar no futuro) e exemplifica os inconvenientes dessa limitação. Diz considerar deficiente a utilização do método estatístico, apontando algumas imprecisões numéricas. Afirma que o índice de concentração do comércio externo que foi usado não é satisfatório, porque não é independente do nível absoluto dos valores. Além disso, a medida da concentração deveria ter sido tomada em relação aos mesmos países, na importação e na exportação. Considera que deveria ter sido tomada em conta a influência da população sobre o comércio exterior, pois que toda vez que aumenta a população, aumenta a procura de bens de produção mais do que a procura de bens de consumo. Aponta alguns conceitos econômicos citados de maneira imprecisa (como a distinção entre tarifa alfandegária e tarifa fiscal, que não é mantida ao longo do trabalho).

**Candidato.** — Aceita as observações sobre a utilização do método estatístico, mas observa que o índice de concentração que usou é o mesmo que se encontra em publicações de grande responsabilidade científica, como as dos serviços econômicos da extinta S.D.N. e da O.N.U. e do Fundo Monetário Internacional. Esclarece a distinção que faz entre tarifa alfandegária e tarifa fiscal e adianta que na revisão daquele trabalho, bem como na segunda parte do mesmo que tem em preparação iria considerar as influências recíprocas do comércio exterior e da população.

**Prof. Paul Hugon.** — Depois de se referir à difícil posição do professor que, depois de encaminhar durante muitos anos a elaboração de uma disser-

tação, se vê obrigado a tomar parte na sua crítica, formula algumas objeções. Quanto à bibliografia, lamenta a falta de referências a artigos de revistas científicas internacionais (1) e de uma classificação de acordo com os assuntos discutidos no texto. Aponta a falta de referências a obras tão importantes como as de Gide e Rist, Oulès e Pérroux e outros (2), também Aftalion é citado em obra muito antiga. Em seguida censura com veemência o candidato por não haver sabido por em destaque a enorme importância e oportunidade do seu trabalho, o qual, partindo do março zero, dá informações indispensáveis não só ao conhecimento atual do comércio exterior do Brasil, como à aferição das correntes modernas de interpretação teórica do comércio internacional. Traça, numa rápida e luminosa síntese, as dificuldades sucessivamente enfrentadas pela teoria clássica dos custos comparados e os esforços teóricos desenvolvidos para as superar, enumerando as principais contribuições a registrar nesse sentido. Recorda que o pensamento moderno anglo-saxônico sobre o comércio internacional tem incontestavelmente como mestre a Aftalion e refere-se ao caráter monetário dos desequilíbrios contemporâneos do comércio internacional. Revela o seu cepticismo sobre as idéias teóricas que se encontram na base da noção, do prof. Gudin, de "economias reflexas" e "economias leader", noção que o candidato, no seu trabalho, aceita e com a qual pretende explicar certas características da evolução do balanço de pagamentos do Brasil. E afirma que os resultados de trabalho muito recente do prof. Pérroux (*Esquisse d'une théorie de l'Économie dominante. "Économie Appliquée", 1948*), permitem, pelo menos, duvidar da fecundidade daquela noção. É indispensável, diz o prof. Hugon, procurar fazer a aplicação das contribuições modernas para a teoria do comércio internacional à economia do Brasil, aplicação que até agora tem sido impossível por faltarem de maneira completa dados concretos. Dados que nos são oferecidos pela primeira vez no trabalho do candidato, que dêesse modo presta um grande serviço à causa do conhecimento da estrutura econômica do Brasil. Afirmou, ainda, a sua convicção de se justificar por si só o trabalho que estava sendo discutido, independentemente da segunda parte em preparação (referente ao período posterior à 1.ª Guerra Mundial, até à atualidade) e do capítulo final de interpretação e análise teórica dos resultados encontrados. A utilidade do conhecimento do comércio internacional do Brasil, nos seus antecedentes próximos, que este trabalho permite, justifica de maneira plena a sua apresentação, independentemente da análise teórica final.

Depois de pronunciar palavras de aprêço pelo candidato e de grande louvor ao seu esforço proficuo, o Presidente encerrou a sessão.

O Licenciado Hélio Schlittler Silva foi aprovado com a média final de 8,7 — o que lhe confere o título de **Doutor em Ciências** pela Universidade de São Paulo.

NUNO FIDELINO DE FIGUEIREDO.

- 
- (1). — Indicados entre outros: Williams, *The theory of international trade reconsidered*, in "Economic Journal", junho, 1929; Bronfen Bronfen Brenner, *The Keynesian equations and the balance of payments*, "Review of Economic Studies", 1940, *International transfers and the terms of trade; an extension of Pigou's analysis*, Chicago, 1942; Ohlin, *Equilibrium in international trade*, in "Quarterly Journal of Economics", 1928; Ragnar Nurkse, *Conditions of international monetary equilibrium*, in "American Economic Association Readings", 1950; Haberler, *Some factors affecting the future of international trade and international policy*, New York, 1945.
  - (2). — Ch. Rist, *Histoire des doctrines économiques* (6.º edit.), capítulo sobre o movimento de revisão da teoria das trocas internacionais; Aftalion, *L'équilibre des paiements internationaux*, Paris, 1935; Rueff, de Ozen-thau, Siegfried, *Problèmes de politique économique internationale*, Paris, 1949; Oulès, *Le mécanisme des échanges internationaux*, 1936.

PROF. PHILIP K. HITTI

Esteve em agosto do ano passado em São Paulo, a convite da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o famoso orientalista, Prof. Philip K. Hitti, professor de História e Literatura Semítica da Universidade de Princeton (Estados Unidos da América do Norte), que proferiu oito conferências sobre a sua especialidade. A seguir, damos o resumo em português dessas conferências que foram traduzidas — do resumo em inglês fornecido pelo próprio autor — pelo Sr. A. M. F. Barros, funcionário da Reitoria da Universidade de São Paulo. A grafia de certos nomes próprios é a mesma do original em inglês.

Primeira Conferência:

"CONTRIBUIÇÃO ARABE A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, MORMENTE A PENÍNSULA IBÉRICA, NA LITERATURA".

Nenhum povo manifestou tão entusiástica admiração pela expressão literária, nem se deixou influenciar tão acentuadamente pela palavra escrita ou falada como o povo árabe, que deu à oratória desenvolvimento não alcançado por nenhum outro.

O Islão usou amplamente este aspecto lingüístico e esta peculiaridade psicológica, baseando-se no miraculoso caracter do Alcorão, que foi o único milagre de Maomé. O triunfo do Islão, foi o da linguagem, o de um livro. O Alcorão foi traduzido em 1141 para o latim e posteriormente para o francês e o inglês. As viagens noturnas que levaram Maomé, de Meca, via Jerusalém, para o sétimo céu, e que são amplamente referidas no Alcorão, tornaram-se uma das partes prediletas do Islão.

Al-Mu'arri, famoso poeta e filósofo sírio, que morreu cego em 1057, e Ibn-'Arab o místico de Múrcia, que morreu em 1240, elaboraram o uso desta milagrosa viagem. Histórias, como as pesquisas de Asin, o arabista espanhol, tornaram-se a base da grande obra-prima de Dante, a sua "Divina Comédia". A descrição arquitetônica do céu e do inferno, assim como os diálogos, seguem o original de Asin.

A literatura religiosa árabe é rica em fábulas, histórias e poesias; e seus contos, que revelam fértil imaginação, sempre têm uma finalidade moral. As fábulas de Baidabáh, Calila-ua-Dimnah, que foram originalmente traduzidas do sânscrito para o árabe no ano de 850, foram desta última traduzidas posteriormente para cerca de quarenta idiomas. A tradução espanhola foi feita por Afonso o Sábio, rei de Castela e Leon (1252-1284). Essas histórias foram imitadas, passando da península Ibérica para a França e daí para o resto da Europa. Os provérbios e ditados do príncipe sírio Ibn-Fátik, que floresceram no Egito no ano de 1050, foram também traduzidas para o espanhol, sob o título "Bocados de Oro". As coletâneas Makámat que pertencem ao gênero do ensaio, oferecem uma apresentação dramática, tornando-se as bases do conto espanhol e italiano do tipo picaresco. "O Cavalheiro Cifar", o primeiro picaresco espanhol, contém histórias associadas com o Juha árabe.

Houve três pontes sobre as quais a cultura árabe encontrou o seu caminho para a Europa: a Síria, no período das Cruzadas; a Sicilia, que foi ocupada pelos árabes do ano 831 a 1091, e a Península Ibérica, que foi a ponte mais importante e resistente. Os elementos da cultura árabe, tais como a literatura, ciência, arte, e filosofia, passaram da Ibéria para a França e daí rapidamente para o resto da Europa Ocidental. Toledo no século XII, e Castela e Leon no tempo de Afonso o Sábio, tornaram-se grandes centros de tradução. A literatura "Aljamiado" dos "Moriscos", que eram muçulmanos convertidos ao cristianismo após a destruição do poderio árabe na península, é riquíssima de conteúdo árabe.

Na Espanha, a poesia árabe, ao mesmo tempo que tomava novas diretrizes, teve como uma de suas características o desenvolvimento de uma emoção profunda das belezas naturais, conforme ilustram os poemas "Uma iad", de Abd-ur-Rahmán I, príncipe de Córdoba e também do poeta Ibn-Zaidún, morto em 1071.

A poesia folclórica, chamada em árabe "Zajal" e "Muachahah" tornou-se a fonte da poesia ibérica. Esse tipo de expressão poética encontrou representante perfeito, em Abenkuzmán, menestrel peregrino de Córdoba, que morreu em 1160. Os "Trovadores" que floresceram no século XII, imitaram os menestres peregrinos, e os "Mozarabes" foram os intermediários nesta imitação.

O culto pela mulher, que floresceu na Europa ocidental, tendo como sinal característico o amor platônico, também teve como origem os muçulmanos árabes. As "Cantigas de Santa Maria", compostas no tempo de Afonso o Sábio, tiveram suas "stanzas" do tipo "zajal" e "muachahah".

O "Villancico", verso castelhano popular usado nas poesias cristãs, foi grandemente influenciado pela poesia folclórica árabe. A história de "Sindbád o Marujo" dos célebres contos das "Mil e uma Noites", levou com a sua tradução para o espanhol, muitas palavras árabes, tais como "afreet", "jinn" e "jinnee", para os vários idiomas europeus.

A novela moderna foi traçada pela história espanhola "Del Abencerrage". O grande poeta e novelista espanhol, Cervantes, que foi mantido preso por piratas árabes durante cinco anos, costumava dizer gracejando, que a sua maravilhosa obra "Don Quixote", teve origem árabe.

#### Segunda Conferência:

#### "A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL"

Os muçulmanos da península árabe começaram sem nenhuma ciência própria, no verdadeiro sentido da palavra. Entretanto, gradualmente, foram assimilando a tradição científica dos sírios, persas e outros povos por eles conquistados. A tradição síria, baseava-se na grega. O período de tradução do grego para o árabe terminou, mais ou menos, entre os anos de 750 a 850. O centro dessa atividade foi a cidade de Bagdad.

**Da Índia e da Pérsia** — Recebido da Índia um tratado sobre astronomia, foi o mesmo imediatamente traduzido, em Bagdad, para o idioma árabe, formando-se as tábuas do "al-khuárizimi". Da Índia, também, foi recolhido um tratado sobre matemática, o qual introduziu os chamados algarismos árabes, inclusive o zero. Da Pérsia vieram as fábulas de Bidpai e um resumo da ciência médica, representada pelo trabalho da família sírio-cristã Bakhtishu'.

**Dos Helênicos** — Mas a mais importante e a mais vital força vinda do estrangeiro, foi o helenismo. Pelos cristãos sírios, a cultura helênica encontrou o seu caminho para introduzir-se no mundo árabe muçulmano.

Foi Hunayn ibn-Ishák (Johannitus, falecido em 873) e sua escola, que traduziram os termos médicos de Galeno, as palavras filosóficas de Aristóteles e dos neo-platônicos, primeiramente em aramaico, o idioma da Síria naquele tempo, e posteriormente em árabe. Os pagões sírios de Harrán, adoradores de estrêlas, e que eram chamados de Sabians, traduziram todas as obras gregas sobre astronomia e matemática existentes na época, inclusive o *Almagesto* de Ptolomeu e as obras de Euclides e Arquimedes.

**Fase de criações** — Ao período de traduções seguiu-se um segundo, o de criações. Os árabes, não somente transmitiram as últimas ciências gregas, sírias e persas, como, também, enriqueceram-na com sua própria contribuição.

Na medicina, al-Rari (Rhazes, falecido em 925) foi o primeiro, na história desta ciência, a notar a diferença existente entre o sarampo e a varíola. Seus trabalhos sobre alquímia foram citados por Rogério Bacon. Seus termos médicos, traduzidos por Geraldo de Cremona (falecido em 1187), em Toledo

e, posteriormente, na Sicília, foram usados nas Escolas de Medicina da Espanha e Itália. Geraldo de Cremona também traduziu o "al-Qanun" (As regras), do original de ibn-Sina (Avecina, falecido em 1037), que é, talvez, o primeiro trabalho a reconhecer a natureza contagiosa da tuberculose. Ibn-al-Nafis, médico sírio, natural de Damasco (falecido em 1288), descreveu perfeitamente a circulação do sangue através dos pulmões, três séculos antes do português Serretus, o qual creditou a si esta descoberta.

Na Espanha, Abu-al-Qasim al-Zahráui (Abulcasio, falecido em 1013, natural de Córdoba, foi o maior cirurgião de seus dias. Suas obras, também traduzidas por Geraldo de Cremona, foram usadas para estudos na Universidade de Oxford, até o ano de 1778. Ibn-Rushd (Averróes, falecido em 1298), conhecido mais como filósofo, compreendeu, perfeitamente, a função da retina sobre os olhos e confirmou que ninguém contrai varíola por duas vezes. Seu contemporâneo, ibn-Maymun (Maimônides, falecido em 1204), célebre filósofo judeu, prescreveu dietas vegetarianas para os que sofriam de hemorroidas. Ibnal-Khátib (falecido em 1350), natural de Granada, posteriormente conhecido como um grande escritor, descobriu o caráter infeccioso da peste, que então devastava toda a Europa, numa época em que todos pensavam que a mesma era um castigo de Deus.

**A botânica e a química** — Estas ciências, que auxiliaram grandemente a medicina, foram levadas pelos árabes a alturas nunca dantes alcançadas. Ibn-al-Baitar (falecido em 1248), natural de Málaga, foi o maior botânico e farmacêutico da Idade Média. Na sua obra "Remédios Simples" ele descreve mil e quatrocentas espécies de plantas, duzentas das quais eram novas. A palavra "alquímia" é de origem árabe. O maior alquimista da Idade Média, Jabir ibn-Hayyán (Geber), teve sua arte desenvolvida em todo o Iraque, mais ou menos em 776, sendo considerado o pai dessa ciência.

Alguns termos médicos e químicos, tais como **elixir, soda, sorvete, álcali, antimônio, alambíque**, etc., entraram para os vários idiomas europeus por meio de traduções feitas de obras árabes, demonstrando, perfeitamente, o quanto devem algumas ciências aos estudiosos árabes.

**Ciências exatas** — Quanto à astronomia e à matemática, basta citar o nome de al-Khwarizmi (falecido em 850), natural de Bagdad. Ele escreveu o primeiro livro sobre álgebra, o qual, traduzido em Toledo no século XII, introduziu esta ciência e seu nome nos idiomas europeus. Os algarismos árabes, inclusive o zero, começaram a ser usados a partir da publicação daquele livro. As tábuas astronômicas daquele grande estudioso foram usadas por Afonso, o Sábio, e posteriormente em Marselha, daí se espalhando para o resto do mundo, chegando até a China. **Cifra e zero** são, também, palavras árabes.

Os nomes árabes de muitas estrelas e constelações, tais como 'Acrab (Escorpião), Aljádi (Novilha), Dhanab (Cauda), etc., mostram cabalmente a influência dos astrônomos árabes nas ciências ocidentais.

### Terceira Conferência:

#### "A CONTRIBUIÇÃO FILOSÓFICA ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL"

Como nas ciências, os árabes começaram com muito pouco, na parte referente à filosofia. Antes do Islão, tudo o que eles possuíam, nesse particular, se resumia em provérbios e sentenças sábias. Portanto, tiveram que esperar até a época da conquista do "Crescente Fértil" e do Egito, para que pudessem estabelecer contacto com a filosofia grega através de traduções sírias e, também, até que a sua linguagem possuísse um sistema verdadeiro de filosofia.

**Traduções do grego** — Foi Hunayn ibn-Ishák (Johannitus, falecido em 837), famoso cristão sírio, juntamente com seus alunos, o responsável pelas traduções de Aristóteles e das principais obras neo-platônicas, do grego para o aramaico e deste para o árabe. Em pouco tempo, tornou-se Aristóteles o "primei-

ro professor do Islão. Surgiu, então, o problema de conciliar as teorias de Aristóteles com as de Maomé, harmonizando, ao mesmo tempo, os seus ensinamentos com os do Alcorão.

**Filosofia islâmica no Oriente** — Al-Qindi, que viveu em meados do século IX, foi o primeiro filósofo árabe a fazer esta pergunta a si próprio. Seu trabalho foi levado avante por al-Farabi (Alfarábios, falecido em 950), o qual tornou-se o "segundo professor". Sua grande obra, "Cidade Superior", foi baseada na "República" de Platão.

**Filosofia islâmica no Ocidente** — A maior realização da classe intelectual da Espanha Muçulmana foi a de harmonizar o Islão com a filosofia grega. Os estudiosos cristãos tiveram o mesmo problema, mas com maiores dificuldades em resolvê-lo, por ter o cristianismo mais dogmas que o Islão, com uma hierarquia centralizada que aquêle não tinha. A filosofia, tal como foi desenvolvida pelos gregos, e o monoteísmo, desenvolvido pelos semitas, foram os dois mais ricos legados nos tempos medievais. Foi glorioso para os muçulmanos da Espanha unir estas duas correntes, fazendo um todo da cultura, com a combinação do Sul da Europa, África do Norte e Ásia Ocidental.

Ibn-Ruchd (Averrões, falecido em 1198), natural de Córdova, foi o líder dêsse trabalho. Seus comentários sobre Aristóteles, traduzidos em Toledo e na Sicília, reintroduziram, na Europa, as obras daquêle grande filósofo, tornando-as perfeitamente inteligíveis. Os comentários de ibn-Ruchd foram adotados pelas universidades da Itália, Espanha, França e outras regiões da Europa.

Seu contemporâneo, ibn-Maimún (Maimônides, falecido em 1204), fez pela filosofia judaica o que ibn-Ruchd fez pela filosofia muçulmana. Reconciliou a teologia hebraica com o Aristotelismo, interpretando alegoricamente, algumas passagens bíblicas. A influência de ibn-Maimún é notável em Alberto Magno, Spinoza e Kant.

**Ibn-Tufail** — (falecido em 1185), outro notável filósofo muçulmano de Granada, escreveu um original romance filosófico, "Hai bun-lakzán", no qual tentou provar que um homem, não influenciado por forças exteriores, pode chegar a conhecer Deus. Esta obra, traduzida para o latim por Pocke em 1671, tornou-se o protótipo de Robinson Crusoe".

#### Quarta Conferência:

### "A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL".

De acôrdo com o Islão, a representação de homens e animais é um privilégio de Deus. Esta é uma reflexão de pensadores hebreus convertidos, um corolário do monoteísmo hebraico e da proibição da idolatria.

O Islão, em conseqüência, desenvolveu um novo tipo de expressão artística, especialmente a decorativa. Isto se obteve pelo emprêgo convencional de côres ricas e harmoniosas em desenhos geométricos e florais. Este novo tipo foi conhecido por "arabesco".

Entretanto, os muçulmanos persas, que tinham uma longa tradição de arte pictórica, desenvolveram miniaturas que foram usadas, primeiramente, no século XIII, nas ilustrações das fábulas de Bidpai e, também, nas Assembléias ('Makamát').

A tradição das artes plásticas no estilo gótico cristão foi continuada pelos muçulmanos da Espanha. 'Abd-ur-Rahmán III (califa em 929), colocou estátuas de suas concubinas em seu palácio de al-Zahra. Erigiram-se, também, estátuas na Alhambra. Neste palácio, atingiu o seu apogeu o sistema hispano-muçulmano de decoração.

Os muçulmanos também sobressairam nas artes industriais. Ladrilhos coloridos (azulejo, do árabe 'al-Zulaiji'), juntamente com a brilhante cerâmica dos mudejares, tornaram-se bem conhecidos no sueste da Europa. Toledo, Córdova e Málaga transformaram-se em importantes centros fabricantes de cerâ-

mica exótica. A metalurgia foi, também, bastante desenvolvida, competindo as lâminas de Toledo com as suas rivais de Damasco. Até hoje são conservados em inúmeros museus os porta-jóias de marfim, fabricados em Córdoba. Valência foi famosa por seus trabalhos artísticos em cristal, indústria em que a Síria e o Líbano se distinguiram, desde os dias dos fenícios. Poitiers, na França, tornou-se um importante centro de cerâmica, sendo esta arte imitada na Holanda, no século XV.

Os árabes salientaram-se na caligrafia. Os cristãos usaram inscrições pseudo-árabes para decoração de vasos, muito depois de o Islão ter desaparecido da península Ibérica.

Em artigos textéis, basta citar "musselina", palavra que tem como origem o nome da cidade de Mossul, "baldaquim" (de Bagdad), "sofá" (de 'al-Suffah') e "divã" (de "diuân").

Em arquitetura, houve o estilo mourisco ou Maqhríbi, no qual se misturavam as tradições cristãs e muçulmanas. O arco em ferradura apareceu, pela primeira vez em Damasco, na mesquita de 'Umaiád.

Os alcazares de Sevilha, Toledo e Córdoba são remanescentes dos monumentos árabes. A Alhambra é a mais soberba e antiga recordação. A mesquita construída em Córdoba por 'Abd-ur-Rahmán I (falecido em 788), com suas mil duzentas e noventa e três colunas, é hoje a catedral "La Mesquita". Do palácio de az-Zahra, dificilmente, sobraram alguns traços.

Até hoje os marceneiros e pedreiros usam muitas palavras espanholas e portuguesas de origem árabe: "alacena" (de 'al-khizánah'), "alvanel" (de "albanna"), "alcova" (de 'al-kubbáh'), "andaime" (de 'al-di'ámah'), "azatéia" (de 'al-sitaihah'), "taquillah" (de 'takah'), etc..

Em música, também, são usadas, nestes dois idiomas, algumas palavras com a mesma origem, tais como: "alaúde" (de 'al 'úd'), "guitarra" (de 'kitárah'), "rabeça" (de 'rabáb'), "pandeiro" (de 'bandairah'), "sonajas" (de 'sunúj'), "anafil" (de 'al-nafiz'), "albagón" (de 'al-búk'), etc.. "Olé!" é uma corruptela do correspondente árabe "u-Alláhi, u-Alláhi".

#### Quinta Conferência:

### "O RENASCIMENTO DOS ESTADOS ÁRABES CONTEMPORÂNEOS"

O Mundo Árabe, constituído por um sólido bloco, desde Marrocos, no Oceano Atlântico, até o Iraque, no Golfo Pérsico, pode ser dividido em quatro unidades: a África do Norte, o Egito, a Península Arábica e o Crescente Fértil.

A unidade Norte Africana faz parte, geograficamente, da Europa, mas, historicamente, do Oriente Médio. Sua proximidade com a Europa, a distância existente até o "coração do Islão", o pouco sangue árabe e o grande número de colonizadores europeus, diferenciam-na de todas as outras partes do Mundo Árabe. Foi esta a primeira região árabe a cair sob a influência política européia e a se separar de seus vizinhos muçulmanos. Até hoje, o nacionalismo árabe não está ali bastante desenvolvido.

Marrocos foi ocupado pelos franceses e espanhóis nos albores do século XX. A Argélia caiu em poder dos franceses em 1881. A Líbia, última possessão turca da África do Norte, foi ocupada pelos italianos em 1912, tendo a Organização das Nações Unidas prometido a sua independência para janeiro de 1952.

Geograficamente, o Egito faz parte da África, sendo, entretanto, histórica e culturalmente, parte integrante da Ásia Ocidental. Com seus 18 milhões de habitantes, é o maior e o mais rico país do Mundo Árabe, aspirando a uma posição de líder entre os demais. Ocupado pela Inglaterra em 1881, declarou sua independência em 1936.

A península arábica distingue-se por possuir as cidades sagradas de Meca e Medina. Isolada por sua posição geográfica e, também, por sua tradição, não sofreu influências modernas, não tendo sentido até hoje o impacto da ci-



vilização ocidental. A descoberta de importantes campos petrolíferos, nos últimos trinta anos, e a concessão dada à "Arabian-American Oil Company", expôs uma terça parte do Golfo Pérsico à influência ocidental. Com exceção da Arábia Saudita, o Iemen é o único reino independente desta península. O Iemen é, sem dúvida alguma, muito mais conservador do que aquêlê país.

O Crescente Fértil inclui a Síria, o Líbano, a Palestina, a Jordânia e o Iraque. Dêstes, a Síria e o Líbano estiveram sob mandato francês até 1945, quando declararam a sua independência. A Palestina e a Jordânia, bem como o Iraque, estiveram subjugados, sob forma de mandatos, pela Inglaterra. A oposição a êste país e ao sionismo, conjugou o nacionalismo local nestes territórios.

O caso do Iraque é o único digno de consideração, na parte referente ao moderno nacionalismo local.

Faiçal foi aclamado rei em 1921 e o país declarou a sua independência em 1932, época em que entrou como membro da antiga Liga das Nações. Como o Egito, o Iraque é, atualmente, uma monarquia constitucional.

Desta maneira, os países árabes da Ásia Ocidental, que estiveram até o princípio da Primeira Grande Guerra sob o domínio dos turcos otomanos, alcançaram sua independência com o término da Segunda Guerra Mundial, principiando, então, a trilhar as estradas da democracia, do nacionalismo e do progresso.

#### Sexta Conferência:

#### "OS ESTADOS ÁRABES E O IMPACTO OCIDENTAL".

Sob o domínio otomano (1516-1918), as regiões árabes tiveram um período obscuro em sua história, com uma vida conservadora, tradicional, convencional e religiosa, sem nenhuma atenção ao progresso do mundo exterior e quase sem conhecimento da Europa.

**Napoleão no Egito** — A invasão do Egito, feita por Napoleão em 1798, foi a primeira pancada a despertar àquelas terras de seu longo sono medieval, sendo êste o seu primeiro contacto vital com o Ocidente. Napoleão fundou uma imprensa árabe e uma livraria na cidade do Cairo. Muhammad 'Ali, vice-rei do Egito, logo depois da saída de Napoleão, enviou estudantes para a França e Itália e, ao mesmo tempo, convidava militares, professores e engenheiros a visitar o país, sonhando com um império que o tivesse como líder.

**Na Síria e no Líbano** — O impacto ocidental espalhou-se para a Síria e outras terras árabes, tornando-se a parte mais importante de sua história moderna, dando início a uma nova era.

A Síria e o Líbano receberam, em 1830, os primeiros missionários protestantes e católicos, fundando-se, em Beirute, um jornal árabe-americano. Em 1866 foi fundada, naquela cidade, a Universidade Americana e, logo depois, uma Universidade Francesa e, também, diários nesse idioma. Escolas, locais, assim como imprensa e sociedades científicas e literárias, começaram a aparecer adaptadas ao sistema ocidental. Traduções feitas de vários idiomas europeus foram gradualmente introduzindo novas palavras à língua árabe.

Desta maneira, idéias novas e dinâmicas foram se introduzindo no mundo árabe, incluindo-se entre elas a secularização, a modernização e, o que é mais importante, o nacionalismo e a democracia.

**Renascimento nacionalista** — O desenvolvimento intelectual assim alcançado teve, como principais dirigentes, cristãos libaneses que operavam no Egito, educados por instituições americanas. Os primeiros feitos gloriosos dos árabes transformaram-se em força inspiradora de suas realizações futuras. A renascença intelectual foi seguida por uma renascença política e nacional. O conceito do nacionalismo moderno foi aceito, portanto, por todos os povos de língua árabe. A idéia de um governo próprio e da independência do jugo oto-

mano começou então a se formar. Atualmente, o nacionalismo moderno tem conceitos que estão em conflito com o Islão.

Foi lingüística a vitória do nacionalismo, metamorfoseado no pan-arabismo, tornando possível a união de todos os povos de língua árabe, quer fossem cristãos, egípcios ou sírios.

O pan-islamismo, fazendo da religião a sua força, torna-se um pouco reacionário por inspirar-se no passado e na antipatia existente atualmente para com o Ocidente.

#### Sétima Conferência:

### "INDEPENDÊNCIAS ALCANÇADAS COM O DESENVOLVIMENTO DO NACIONALISMO"

Até a primeira grande guerra, as regiões árabes da Ásia Ocidental formavam uma só unidade, sob o domínio dos otomanos. Como resultado dessa guerra, fragmentaram-se politicamente aquelas regiões, conduzindo-se, também, ao mesmo caminho o nacionalismo árabe.

**Egito** — No Egito, o nacionalismo aliou-se ao pan-arabismo como consequência da ocupação britânica efetuada em 1882. A oposição ao domínio inglês fez com que os naturais do país descobrissem patrioticamente que eram "Egípcios". "O Egito para os Egípcios", tornou-se então em um grito de guerra. Em 1936, o país assinou um tratado de 20 anos com a Inglaterra, concedendo certos privilégios, entre os quais o uso dos portos e facilidades de transporte em tempo de guerra e a conservação de uma guarnição militar no Canal de Suez.

**Síria e Líbano** — A Síria e o Líbano tiveram muitas queixas contra os franceses, entre elas o desprezo que estes tinham para com o sentimento nacional, a divisão dos países em diversos estados e a imposição obrigatória do uso da língua francesa. A oposição sistemática aos franceses, tornou-se uma obrigação para todos, até que, em 1945, ambos os países declararam a sua independência, tornando-se repúblicas.

**Palestina e Jordânia** — O problema da Palestina, situada no sul da Síria, complicou-se com a intromissão do sionismo, que é considerado, por todos os árabes, como um movimento nascido em terras estrangeiras e bastante agressivo. A oposição ao movimento sionista e à Inglaterra agregou o nacionalismo local. Israel foi declarada nação em 1948. Dois anos depois, o rei Abdullah anexou ao seu país a parte da Palestina que não deveria pertencer a Israel. Desde então, a Palestina deixou de existir como nação.

Logo após estes acontecimentos, Abdullah, que começou a sua vida como emir da pequena Transjordânia, declarou-se o líder do novo país — o reino da Jordânia.

**O Iraque** — Os ingleses prosseguiram no Iraque, com uma política brilhante e muito mais liberal. Em agosto de 1921, Faïçal, filho do rei Hussain, do Hedjaz, foi proclamado rei. Em junho de 1930, a Inglaterra renunciou aos seus direitos de mandato, reconhecendo a independência do país. Culturalmente, o Iraque está logo após à Síria e ao Líbano.

**Península Arábica** — A Saudi-Arábia, é criação exclusiva de um só homem, o rei 'Adul-'Aziz ibn-Su'úd. Foi ele próprio que conseguiu para si este vasto domínio que se estende desde o Golfo Persa até o Mar Vermelho, ao mesmo tempo em que retirava Hussain, do Hedjaz. A descoberta de petróleo neste território, juntamente com as concessões dadas a algumas companhias americanas para a sua exploração, colocou este reino em contacto com o Ocidente.

O Iemen, que é o único outro país completamente independente existente na península arábica, ainda tem um governo teocrático, estando tão isolado das influências estrangeiras, como o próprio Tibet.

**Liga dos Estados Árabes** — Se a primeira grande guerra dividiu as regiões árabes, a segunda, imediatamente reuniu-as. A necessidade de uma unidade,

a presença de um inimigo comum e os mesmos interesses econômicos, culminaram com a organização da Liga Árabe.

O pacto assinado na cidade do Cairo em março de 1945, salvaguarda a independência e a soberania de cada membro da Liga, impondo cooperação mútua e proibindo o envio de forças um contra o outro, em caso de disputa. Os países que fazem parte da Liga, são os seguintes: Egito, Síria, Líbano, Iraque, Saudi-Arábia, Iemen e a Jordânia. Os comitês político, econômico e educativo são os principais da Liga. Observadores das regiões do Norte da África, foram admitidos em algumas reuniões, mas não como membros efetivos, por não terem ainda aquelas regiões adquirido completa independência. Como resultado da guerra com Israel, a Liga perdeu um pouco de seu prestígio, que entretanto, está sendo atualmente recuperado.

#### Oitava Conferência:

#### "TENDÊNCIAS MODERNAS DO ISLÃO".

O impacto ocidental sobre o Oriente Próximo, que começou com a invasão napoleônica do Egito, em 1897, teve conseqüências militares, culturais e políticas que mudaram as diretrizes históricas dessa parte do mundo. A cadeia de reações, então produzida, originou conflitos internos, tais como a desarticulação de antigas lealdades, tensões sociais e desajustamentos em todos os setores da vida. O Nacionalismo e a democracia política foram as duas forças modernas mais dinâmicas então introduzidas.

**Três Correntes** — Da confusão inicial, emergiram três escolas de pensamento: os turcos, sob Mustafá Kemal, seguiram uma política de completo rompimento com o passado e inteira aceitação dos valores ocidentais, com métodos revolucionários, tais como a punição oficial daqueles que se recusassem a mudar. No outro lado, permaneceram os da ala direita, os conservadores, aqueles que voltaram as costas ao ocidentalismo, à secularização e ao modernismo, continuando isolados, sem nenhum cruzamento cultural fertilizador. Esta escola é representada pela maioria dos habitantes da Península Arábica. Entre esses dois extremos, estavam o Egito e o Crescente Árabe, que seguiram a política de escolher a parte agradável da cultura ocidental, conservando o que fosse aproveitável de sua cultura hereditária, ao mesmo tempo que reconciliavam os dois métodos. A tarefa dos povos do Egito, Líbano, Síria e Iraque — que estavam neste caso — foi a mais difícil.

**O Islão** — O resultado foi claro. Nos campos econômico, social e político, esses povos foram largamente ocidentalizados. Aceitaram os métodos técnicos da indústria, da ciência e do comércio. As mulheres da Síria atualmente, podem votar e as mulheres muçulmanas instruídas aboliram o uso do véu. O povo adotou as formas ocidentais das instituições políticas, baseando suas novas leis nos códigos europeus. A tendência dirige-se mais ou menos para a completa ocidentalização dos setores técnico, econômico e político.

O máximo que se pode dizer sobre a igualdade espiritual e filosófica, é que a religião, que é a Islâmica, e também a filosofia permaneceram inalteradas em seus fundamentos. Neste campo, o exterior foi modificado, mas o cerne permaneceu sólido. Fora das ruínas da sociedade árabe, a religião permaneceu intacta.

É indiscutível a possibilidade de um derradeiro ajustamento entre a religião do Islão e a civilização ocidental. Deve-se lembrar que o Islão é, historicamente, uma conseqüência do judaísmo e do cristianismo, com alguma herança de tradições grego-romanas. Até o século XVI, as diferenças existentes entre o Oriente Próximo e o Ocidente foram mais artificiais do que reais. A partir dessa época, os dois setores principiaram a divergir, procurando o Ocidente descobrir o método científico, enquanto o Oriente permanecia inalterado.

No princípio do século XIX, o Oriente e o Ocidente principiaram a ter um novo contacto. Muçulmanos educados no Egito proclamavam que se sentiam

melhor na presença de um francês ou de um americano, do que junto de um indú, chinês ou japonês.

Devem agora as democracias ocidentais fazer com que o Oriente Próximo — que permaneceu um longo período de sua história dentro da esfera cultural do Ocidente — fique permanentemente sob essa influência.

E. SIMÕES DE PAULA.